

A IMPRENSA

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

Publica-se nas quinta-feiras

1432

Escritorio da Redacção

Rua 15 de Junho—36

Cuyabá, 29 de Fevereiro de 1912.

Redacção e Colaboração

DIVERSOS

Conferencia litteraria

Perante extraordinária e selecta concurrencia realizou-se domingo, ás 4 horas da tarde, num dos salões do Theatro do Estado, a conferencia litteraria que o ex.^{mo} dr. Manoel Paes de Oliveira dignou-se fazer em beneficio da S. Casa de Misericordia desta capital.

Presidindo-a, abriu a sessão o desembargador Trigo de Loureiro, cedendo a palavra ao nosso talentoso e jovem conterraneo dr. Manoel Paes que, com aquella dicção clara e castiça que tanto lhe é peculiar, deu inicio a leitura de singela narrativa, tão simples como encantadora pela belleza das imagens com que o litterato matto-grossense exprime os seus pensamentos, as suas emoções, na mais elegante escolha de palavras que joelhou de fontes classicas da lingua patria.

Ouvir o dr. Manoel Paes é deleite fino, emocionante, instructivo, pois, na litteratura amena onde o vazio de idéas mais facilmente se encobre pelos floreios do estylo, elle toma lugar de destaque incontestavel que lhe assegura a cultura da sua privilegiada intelligencia, sempre prompta a inspirar-lho os mais bellos pensamentos de amor, caridade, justiça, todas as poderosas virtudes que realçam o coração humano.

Terminada a palestra do dr. Manoel Paes, o desembargador Trigo de Loureiro agradeceu o valioso concurso em beneficio da S. Casa prestado pelo eminente Secretario da Fazenda, bem como a conjuvação da nossa sociedade em geral.

As 5.^{as} retiraram-se os assistentes, acompanhando a. Ex.^a o dr. presidente do Estado até sua residencia, grande numero de amigos.

SO

Triste nasci. Amargos dissabores
Ennegreceram minha mocidade.
Da sorte sou soffrendo seus ardores
Nesta vida de luto e iniquidade

Fui feliz algum tempo l... Tive amores
Sonhei glórias, sonhei felicidade l...
Hoje passo chorando os minhas dores
Na lyra soluçante da saudade.

Sem fé, sem esperanza abandonado,
Para sempre do gozo desterrado,
Tendo no peito a magua indefinida,

Como o Ashaverus, mystico leandreo,
Vou seguindo tristemente e solitario
Em caminho do Gólgatha da vida.

Alegre 20—12—911.

Leonidas de Mattos

DE BUND

«Ha momentos na vida do
homem em que o suicidio
torna-se uma necessidade»

Foi esta phrase sublime do sublime imperador dos irruções a que me acudia á memoria na minha ultima viagem que fiz no porto, num malhado bund da nossa malhada Empresa Cuyubana.

Não pensei na phrase de Bonaparte, quando o bund desencarrilhou, nem quando um jorro de fetida lama me borrou a roupa (que já está um tanto estagada, confesso,) nem me suggeriu a napoleônica idea a figura mephytica do cocheiro, nem o vulto exótico do conductor, nem a imagem esquelética dos burros, nem os solavancos terríveis do carro.

Não me trouxe a mente o pensamento do vencedor de Marengo a sujeira homética e nauseabunda dos banhos, o catado lastimoso das sanfias (pois até pareceu faldas de cunha de negros vellos ou tapetes), o roufeio tilitar das grotescas campainhas, a quebradeira (queco dizer estrago) dos estribos, o sibilar

dos chicotes nos magros lombos das caveirosas mulas.

Nada disso me trouxe a cachola a inspirada phrase, nem mesmo a brutalidade dos empregados, nem a demora da viagem (380 segundos) nada mesmo me fez lembrar a grande phrase do grande guerreiro e conquistador.

Mas sabem o que me fez recordar a já citada e recitada phrase?

Querem mesmo saber o que foi?

Foi quando um vulto electrico do roupagens claras, sobranceiras quo até pareciam escovas de limpar trilhos (ou se tratando de vehiculos não vai mal a comparação) olhos esgazeados e ocreantes, cabellos espedaçados, porto de gentileza de palloca, e com voz fangosa e cava me desandou um tremendo desagravo (sem allusão a d. Cyrillo) porque *A Imprensa* havia dito umas verdades sobre os seus queridos bondinhos.

Dentre paronthesis: ahí foi que soubo que o titero era parente proximo dos enfiamentos.

Mas que tinha eu com tudo aquilo? Que tinha eu com *A Imprensa* nem com os bondes? E sem poder-lhe responder porque o homensinho não parava de fallar, foi que me veio a bola a magistral phrase de Napoleão.

Foi nesse momento angustioso que me lembrei do suicidar-me, para não mais ouvir aquelle trovão desbragado pelos tympanos; mas, infelizmente havia esquecido o revolver em casa.

Tão cedo, porém, o bond não ha do me carregar nas suas ontrachas, vôte!...

J. Tizana.

A Imprensa

«A 1.^a de Janeiro findo entrou em seu 2.^o anno de laboriosa existencia o nosso decanado collega da imprensa cuyubana cujo nome epigrapha as presentes lullas.

Por esse auspicioso facto, cumprimentamos o distincto confrade, almejando-lhe uma longa vida coroada de eumarcosissimas louros».

Poram estas as palavras com que o nosso valente collega o "Argos" que se edita em S. Luiz de Caetés, dignou-se dispor-nos em o seu numero 29, referente a data do nosso 1.^o aniversario.

Agradecidos.

A convite do sr. dr. João da Costa Marques, Secretario do Ministerio das Obras Publicas, assistimos no dia 24 na 8 hora da manhã, a inauguração official da Caixa d'Agua, no bairro da Boa Morle, que vem de preencher uma lacuna enorme de que ha muito se rescatia a população daquelle bairro. Felicitamos portanto aos moradores desse bairro, pelo grande melhoramento que acabam de obter.

Termina hoje o mez de Fevereiro, o felizardo mez em que as mulheres fallam menos. Infelizmente!...

Um commentario

Recebemos a carta que lhas abaixo publicamos por não parecer bastante critica nos conceitos emitidos ao lado de fina ironia.

III.º sr. redactor d' "A Imprensa":

Deparando na edição passada do vosso muito estimado jornalinho com uma local sob epigraphie—"Sem commentario", em que, simplesmente vem transcripto a primeira estrophe de uma ode da lavra do talentoso padre Aquino Corrêa, não quiz furtar-me, embora não o fosse convidado, a fazer algum commentario a esses quatro versos inspirados num momento infeliz de uma imaginação ardente.

O Sr. Corrêa que além do ciliario ludo Vos saluamos dos seraphims dos ceus!

Muito adrede, o padre Aquino deixou a sua imaginação tomar largo vôo nesses versos, para que, os seus humildes e nullos collegas, no dia da suaagração sacerdotal, ao menos gozassem do prazer de se verem comparados a elevados mesmo, a seraphims dos ceus.

O boçal polaco que é o Sobele e o inconsciente Zephierino, somente figurados como seraphims hão de ganhar algum prestigio sobre o beaterio lerdio.

A mim parece, por isso, sr. redactor, que o sr. padre dr. Aquino devia só a esses versos limitar a imagem poetica que tanto desvaneceu talvez os novos presbyteros. Não carecia de lançar aos ceus, a face de Deus mesmo, em quem tanto parece crer mas que a meu ver não crê, porque a injuria, esta blasphemia inqualificavel:

Creas o Creador e ao vosso mando, Se inclina o mesmo Deus!

O sr. padre Aquino ou não crê em Deus por que para elle Deus é tão pequeno e tão nullo que se inclina a dous pobres mortaes, só pelo facto de estas suas duas degeneradas creaturas usarem samarra e barba rapada: ou o dr. padre Aquino quer dar maior prestigio aos formigões e não se contenta de os ver elevados a tal honra de *Ministro de Deus* e por isso abaixo Deus aos galesianos. Desses dilemmas não foge: ou é ateu hypocrita, por commandita deista, ou é inconsciente e não sabe o que escreve.

O padre Aquino é porém

talentoso e visto está que seu intuito em dizer—"Creas o Creador, ao vosso mando Deus vos faz zumbais etc."—é fazer brillar em torno dos batinas uma aureola de poderio sobrenatural, e o r. m. e. maior do que o do proprio Deus.

De hoje em diante, a beata que pavorosa trema diante dos *ministros de Deus*, ensinará aos seus pequenos que o padre é mais do que Deus, e si porventura um menino der uma boa gargalhada na face boçal do Sobel, a pobre mãe dirá officiosissima: "Al! maldito se meu filho que, por não saber, riu da batina rota do padre Sobel, que é mais do que Deus". Sem outro motivo, creia-me, sr. redactor, vosso amigo obrigado.

Cuyabá, 21-2-912.

Raul Gil.

O illustre e infatigavel director do Grupo Escolar do segundo districto, sr. Gustavo Kuhlmann, realizou na noite de 24 do expirante, em uma dos salões daquella escola, uma conferencia pedagogica, a primeira da serie que o mesmo professor pretende realizar durante o corrente anno escolar.

A esta conferencia, assistiu grande numero de convidados, que applaudiram bastantemente o illustrado conferencista, que com grande facilidade de oratoria discorreu sobre o Ensino Leigo, demonstrando com poderosos argumentos ser o methodo analytico, o

melhor adoptado para o ensino primario.

Agradeceamos pavorados o couvito que nos enviou, e damos os nossos parabens ao illustre educador pela brilhante conferencia que realizou.

A LOIRA

Vi-a, era uma moça loira,
Mas de um loiro imaculado,
Suas melenas cheirosas
Tinha um fascio penteado!

Vi-a, que olhos seductores
Oleiros de fundo inagor...
A bocca, meus Deus! que mimo,
Que obra divina de amor!...

Vi-a, aquel deslombado
Auto a sua formosura;
De paixão minha ardendo
Chorava em tal conjectura!...

Ai! si eu pudesse dizer-lhe
As dores do coração...
A mim, talvez, um seu gesto
Dêsse asylo e protecção!

Infante, vi-a, nmei-a
Um doce instante sómente,
E sem imagem divina
Gravou-se na minha mente!

Nunca mais a vi, é sorte!..
O' destino meu cruel!..
Hoje me resta chorar
Sorvente taqde do fell!..

(Do livro inédito)

(De Aquidauana)

João N. de Cusna.

SEMENTES DE
MORTALIDADES e de FLO-
RES recebeu
Manoel R. Palma
Praça da Republica 3

Postos a 100 reis 6 an
TYP. CALHAO

A BEIRA MAR

Do Alvaro

Vinha cahindo a noute.

A lua surgia magestosa no azul sem manchas o as estrelas debruçavam-se á borda do infinito, projectando a sua pallida luz nas glaucas aguas do oceano immenso.

Na praia sombreada de lianas entrelaçadas, os rouxinões pousavam e as gaivotas adejavam em torno ás penedias que marginaavam a costa.

N'esta hora solemne do a-nouteecer, em que a alma se empolga de impressões extranhas, em que a natureza parece dormitar, dous entes pousavam no longo da praia.

Eram dous amantes; dous seres cujas almas estavam consubstanciadas em uma só pelo effeito d'essa força íngente que se chama—amor.

Era um duo admiravel de almas esthetas.

Elle jovem o pallido poeta sentindo em si o borbular do genio; ella, um classico modelo de estatuetaria, envolto em fina gaze.

El sentindo escaldar-lhes o sangue nas veias, elles entrelaçando os harmonicos bustos, sorriam em prolongados beijos as prencias do amor.

A fresca brisa que perpassava então, havia de repetir pelas quebradas verdejantes dos montes, os estalidos sonoros d'aquelles beijos quentes.

O beijo, o primeiro beijo que se dá em um ente querido, tem um sabor especial, já foi celebrado por pennas magistraes.

Porém poeta algum foi tão expressivo como Coppée:

Oh! les premiers baisers à travers la volvette!

Copée não descreve, limita-se a admirar, e n'esta simples admiração que de sublimem não ha!

E a noute avançava...

Ao longe a cidade regorgitava em festas. Nas terrasses dos sumptuosos *musée halls* as gambiarras projectavam uma luz intensa; e aos sons acaelerados da orchestra, entre o *frou-frou* das sedas espousava o champagne.

E o grande mundo delirava em gosos.

Mas elles só amavam a solidão melancolica das aguas onde a lamontosa alcione vem gemer saudades.

Longe, bem longe das mundaes galas no longo da praia, onde o marulhar das vagas é

sentimental o terno, elles fru-
iam o amor tendo por testu-
mulhas o páldio luar e a si-
lente noite.

Car l'ame du poète, ame
d'ombre et d'amour.
Est une fleur des nuits, qui
s'ouvre après le jour
Et s'épanouit aux étoiles.

Sim, a alma do poeta é toda
amor; é um virginal rebento
da natura.

É aquella hora mystica da
noite, em face ao mar que
estuvava do encontro á pen-
dia agreste, que os dous aman-
tes se beijavam, repetindo os
versos escaldantes de Byron:

Let us kiss on your pale clay
And those lips once my warm
My heart, my heart!

Poconé 20--2-1912.

A. P. A.

Dos srs. Fernandes & Ir-
mãos, proprietarios da Pada-
ria Progresso, recebemos as
linhas que abaixo publicamos.
Ilustrada Redacção da "A
Imprensa".

Vosso assignante e leitor
constante, não podíamos de-
ixar de dirigir-vos algumas
palavras sobre o caso em uma
local inserta que "A Imprensa"
publicou em o seu ultimo nu-
mero, com referencia a nós,
proprietarios da Padaria Pro-
gresso.

Não fora "A Imprensa" que
muito apreciamos, o não dá-
ríamos resposta a essas pala-
vas. Porém, como sahiam
ellas da redacção dessa con-
ceituada folha, por mal infor-
mação julgamos, vimos, com
a devida venia dizer algo a
respeito, dando com isso uma
satisfação ao publico senato
e ao mesmo tempo, desfazer
as injuriosas mentiras que al-
guem gratuito inimigo levou a
essa redacção, com guiza de
reclame...

O povo todo desta cidade
não desconhece a existencia
do galpo como dependencia
da Padaria Progresso, mul-
tos annos antes della hoje nos
pertencer. E quanto ao facto
de servir o mesmo de estre-
bacia e outras cousas, não o
negamos, porem está a vista
de qualquer que o queira exa-
minar, em qualquer dia e
qualquer hora, para certificar-
se do seu assaeo, como pode-
mos até affirmar, não existir
nesta cidade, talvez duas que
a ella compare em assaeo, em
limpeza e hygiea.

Elia é calculada por completo,
com grande esgosto no centro

sendo lavada diariamente;
não dando portanto motivo
para dizer-se que é suja, por-
ca, imunda.

Quanto a poreaia, o lixo e
mais imundicies que exis-
tem nos seus flancos, tanto
pelo lado do porto, como pelos
fundos, não somos nós os cul-
pados disso. Se as aguas ser-
vidas das dependencias da
Padaria vão despejar-se na
frente do rio, se alli existe li-
xo por todos os lados, á Mu-
nicipalidade, á Camara so-
mente cabe a culpa disto.

As aguas forçosamente tem
de escoar-se para alguma
parte. A cidade não tem es-
gotos, nós não podemos mys-
teriosamente fazel-as desapa-
recer. O lixo que nos fundos
e lados da Padaria se vo, não
pertence somente a ella, pois
que aquello pedaço do porto
serve de deposito do lixo das
casas de quasi a maioria dos
seus vizinhos habitantes, que
alli o vão despejar, porque o
segundo districto não goza do
direito de possuir carroças da
Municipalidade para o seu
transporte, como acontece
com o primeiro districto.

Em quanto ao facto dos pa-
deiros constantemente desco-
rem as rampas do porto com
uma simples tanga de auia-
gem na cinta, é falso, pois que
esses que dizem andar nesse
estado, não o fazem com sin-
ples tanga, mas sim com cal-
ças. Vão sem camisa é ver-
dade, mas não é para admirar
isto, quando durante o dia
presenciamos, honens, rapa-
zes, nús completamente, a ba-
nharem-se no porto geral, sem
que ninguém até hoje tenha
dado importancia a isso.

Mais poderíamos dizer, po-
rem nos contentamos com isto.

Agradecemos a fineza da pu-
blicação destas linhas, e pedi-
mos desculpagem-nos se com
ellas formos melindrar a essa
distinta redacção.

Somos de V.S."

Leitores attentos.

Fernandes & Irmãos.

DR. JOÃO AYARD

MEDICO E BACTERIOLOGISTA

Encarrega-se do exame
microscopico de urina, fezes
esecarro, sangue e pus: acci-
ta chamados em sua residen-
cia e laboratorio á rua Pedro
Colastino n.º 5 (Hotel Cosmo-
polita) de 1 ás 4 horas da tar-
de, diariamente.

Pennadas

Venho com o meu caradu-
rismo de sempre pedir descul-
pas por não ter importunado
aos amáveis leitores e gentis
leitoras em o numero passado.

Esperei o carnaval para co-
lher assumptos para as minhas
pennadas. Mas este anno vi-
mos carnaval por um oculo
de sóla.

Insignificantes grupinhos
de creanças e meia duzia de
marmanjos mascarados com o
costumeiro «você me conhe-
ce?» eis o carnaval de 1912
em Cuyabá.

Qual a causa? Por causa da
«Letra do artigo 72 § 3 da
Constituição Federal e Artigo
185 e 379 da Código Penal da
Republica» A' principio fiquei
como burro á palacio, não en-
tendo patavina de codigos e
nem tenho parentes advoga-
dos.

Quanto á lotra citada to-
mei-a logo por a e comeei a
procurar o valor dessa incog-
nita.

Multipliquei-a pelo numero
do paragrapho e dividi-a pelo
numero da somma dos artigos
do codigo. Suel e... fiquei na
mesma.

No dia seguinte o nosso ca-
ro collega «O Debate» expli-
ca todo o problema. O tal do
Código Penal é máo.

Fois promette á quem dis-
fazer o sexo etc. etc. do 2 á
6 mezes de cadeia!! Que brin-
cadeira feita!

Dizei-me amados leitores
seria bonito o Dr. Pellado
varar ruas e ruas, onde tem
moçadas pelas janellas, na
frente de duas praças polí-
cias á procura da casa ama-
reila por ter sahido de musca-
ra?

Só do couro.

Mudemos de assumpto.

Segundo telegrammas uti-
lmente publicados preme-
dita viagem com destino a es-
ta capital o muito digno re-
presentante do nosso Estado
no senado, o dr. Antonio A-
zeredo.

Será pois occasião propi-
cia para os nossos chaloristas
agarrarem no bico, na aza e
até no tempo da chalesira. Os
que pegaram da outra vez
que aqui esteve s. exc.ª saliri-
ram-se perfeitamente bem.

Já são quasi collegas do s.
exc.ª e já o são quanto aos 75
diarios. Um dirá, —amarrotou-
me o frack que lle fiz servir
de travesseiro; o outro, dizem
que coçou as costas do s. exc.ª;
o que é certo é que foram

bem pagos e não perderam o
tempo. Quantos não estão ar-
rependidos por não te-
rem feito o mesmo.

Mas desta vez o Dr. Pellado
vai chaloriar em regra e dei-
xar na bagagem muitos que
por ali estão a espera.

Até outro dia.

Dr. Pellado.

Caixa da "A Imprensa"

J. A. — Recabemos seu so-
neto "Reliquia". Agradecidos.
Será publicado.

J. Ricardella — Estamos de
posse do soneto "Glacial" da
lavra do sr. U. Cuyabao que
habilmente traduzistes para a
bella lingua hespanhola. Será
brevemente publicado, assim
como tambem o seu original
em portuguez.

Napoleão Nelson — O senhor
enviou-nos com este pseudo-
nimo duas produções, uma
poesia "A Imprensa" e os ver-
sos "Meu Testamento". Nada
diremos a respeito, salvo
mandando-nos o seu nome
por... cumprido, ou então pes-
soalmente declarar-nos ser o
dono dessas cousas... do con-
trario, trã tudo para a caixa
dos papeis inúteis...

J. Pinha.

O sr. Fabio Freire, louco deses-
perado, pela sapeca que tem
levado do mulhero beato, co-
mo sendo elle o nosso Mattos
Neves da Palestra, veio a nos-
sa redacção, pedir todo cho-
roso, todo afflicto, que pelo
amor do seu pello, fizessemos
uma formal declaração de
que elle, não é, nunca foi, nem
nunca será, o tal Mattos; Ne-
ves tão fallado.

Está satisfeito o seu pedido,
seu Fabio, o senhor não é,
nem será o seo Mattos Neves,
ainda mesmo que o queira
ser.

De São Luiz de Caetés

«Em quanto ao facto de um
frade casando no catholico
quem o era ja no civil com ou-
tra esposa, não me parece tão
grave que faça a republica
perigar nem que precise to-
car trombeta para dar o sig-
nal d'alarma.

Fr João Luiz Bourdoux

Vigário

A ECONOMISADORA PAULISTA

Caixa internacional de pensões vitalícias

Approvada por Decreto do Governo Federal, com depósito de 200.000\$000 no Thesouro Federal para o Capital de mil contos de reis Premiada no Congresso de Mutualidade Sul Americano com Grande Premio e Medalha de Ouro e na Exposição de Turim com Medalha de Prata.

CAIXA A:—Pagam-se 2\$500 reis por mez e tem-se direito a uma pensão mensal vitalicia EM DINHEIRO ao fim de 15 annos (150\$000 maxima).

CAIXA B:—5\$000 por mez durante 10 annos. Pensão EM DINHEIRO de 100\$000 (maxima) ao fim de 10 annos.

E' o melhor monte-pio!

Capital subscripto.....Rs. 31.735.800\$000
Fundo inamovivel....." 3.077.070\$320
Fundo de reembolso....." 450.972\$900

Socios inscriptos de 15
de Março de 1908 a 13 de
Janeiro de 1911

Caixa A..... 21.688
Caixa B..... 36.027
Remidos 2.083
Total 58.315

DIRECTORES: Senador Dr. Luiz Piza, Presidente; Commendador Leoncio Gurgel, Secretario; Dr. Gabriel Dias da Silva, Thesoureiro; Dr. Claudio de Souza, Gerente. CONSELHO FISCAL: Barão R. Duprat, Coronel Fernando Preste de Albuquerque, Dr. Rodolpho de Miranda, Antonio M. Pinto Araujo Novaes e Luiz Pinto de Queiroz. SUPPLENTES: Dr. Evaristo Bacellar, Dr. Victor Godinho e Dr. Pedro Pontual.

Pedidos de prospectos, propostas e informações minuciosas ao agente Geral ANTONIO FERNANDES DE SOUZA

Rua 13 de Junho, n.º 60—Caixa do Correio, n.º 32—CUYABA.

**FOLHAS DE ZINCO
COM CANALETAS**
Na loja de Manoel R.
Palma
Praça da Republica n.º 3

A TYP. CALHA'O

encarrega-se de todo serviço typographico com presteza, assae e por preços reduzißsimos.

A TYP. CALHA'O

recebeu um bello sortimento de corcos para tumulo.

etc, etc, encontra-se na casa de Manoel Rodrigues Palma, a Praça da Republica n.º 3.

O unico importador deste apreciado nectar, no Estado de Matto-Grosso.

Chapeos castor, inglezes, na casa commercial de Manoel Rodrigues Palma
Praça da Republica 3.

VINHO SÃO RAPHAEL
O amigo das creaturas, o unico convalescente mas conhecido, o verdadeiro vinho reconfortante, etc, tonico, digestivo, etc

Papel com chromo para escrever, novidade; na

TYP. CALHA'O

Vinhos tintos de superior quantidade, especicos, agradabilissimos e sem igual, só na casa de

**MANOEL RODRIGUES
PALMA**

3 Praça da Republica 3

Manoel Felipe da Silva avisa aos seus freguezes e amigos que mudou temporariamente a sua officina de barbeiro para a rua 7 de Setembro n.º 2, onde espera continuar a receber os seus favores.

Rua 7 de Setembro n.º 2.

RELOGIOS DE PAREDE
mostradores e despertadores, grande sortimento na

Relojouaria Tenata
Praça da Republica 7

Postaes a 100 reis só na
TYP. CALHA'O

Aos rapazes

Ensina-se por modico preço a tocar Flauta com perfeição e em residencia particular. A tratar na casa n.º 14—Rua 13 de Junho.

FRANCEZ

peio methodo de Berlitz
2 lições por semana
25\$000 mensaes
Rua 13 de Junho n.º 23
L. Lezue

Chapeos de palhinha para homens, artigo chic e moderno
Bolsas de couro para senhoras, encontram-se na loja de Manoel Rodrigues Palma.

VINHO TINTO DE MESA

ALVARELHÃO

Especialidade da casa de
Manoel Rodrigues Palma

SABONETES fince, diversas marcas, de

REUTER e RIMMEL

Superiores na loja de
Manoel R. Palma
Praça da Republica 3

CHARUTARIA TENUTA

Praça da Republica 7

Recentemente aberta esta nova charutaria chama a attenção dos srs. fumantes para o grande sortimento de charutos, cigarros, palha, papel e fumo, especialidade no artigo, de fabricação das melhores casas da Bahia, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Todos os artigos para fumantes, taes como: pitai-ras, cachimbos, bolsas cigarreiras, etc, etc.

A CHARUTARIA TENUTA!

Unica da Capital

PREÇOS BARATISSIMOS

Praça da Republica 7